

Composição florística de um fragmento florestal no distrito de Jaguara, Feira de Santana, Bahia

Eliane da Silva Anunção^{1*}, Moabe Ferreira Fernandes^{1,a}, Rita de Cássia Alves Menezes São Paulo^{1,b}, Domingos Cardoso^{1,2,c} & Luciano Paganucci de Queiroz^{1,d}

¹ Programa de Pós-graduação em Botânica, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

² Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil.

Resumo – O município de Feira de Santana está localizado na região do Agreste e, portanto, sua flora apresenta espécies dos domínios fitogeográficos da Mata Atlântica e da Caatinga. A vegetação do município encontra-se bastante fragmentada e os poucos fragmentos remanescentes carecem de estudos florísticos. Com o objetivo de contribuir para o conhecimento da flora do Agreste no município de Feira de Santana, este trabalho apresenta o levantamento florístico de um fragmento florestal no distrito de Jaguara, compreendendo uma nanofloresta latifoliada estacional semidecíduifolia tropical de baixada (caatinga) e uma floresta ripícola (mata ciliar). Foram amostradas 113 espécies de plantas vasculares, sendo 99 na caatinga e 35 na mata ciliar. A composição florística e a fisionomia da vegetação de caatinga são semelhantes às da maioria das áreas do Agreste, sendo Leguminosae (25 espécies), Euphorbiaceae (8), Malvaceae (6), Rubiaceae (5) e Plantaginaceae (4) as famílias mais ricas em espécies. A floresta estudada encontra-se provavelmente em processo de regeneração, havendo a necessidade da adoção de medidas que permitam a sua conservação.

Palavras-chave adicionais: Agreste, Caatinga, ecótono, flora.

Abstract (Floristic composition of a forest fragment in Jaguara district, Feira de Santana, Bahia) – The municipality of Feira de Santana is located in the Agreste region and, therefore, its flora presents species of the Atlantic Forest and Caatinga phytogeographical domains. The vegetation from the municipality is heavily fragmented and the few remnants lack floristic studies. In order to contribute to the knowledge of the flora of Agreste at the municipality of Feira de Santana, this work presents a floristic survey of a forest fragment in the Jaguara district, comprising a tropical semi-deciduous lowland broadleaf nanoforest ('caatinga') and a riverine forest ('mata ciliar'). We found 113 species of vascular plants, of which 99 were found in the caatinga and 35 in the mata ciliar. The floristic composition and the vegetation physiognomy were similar to most of the reported for the Agreste vegetation, with Leguminosae (25 species), Euphorbiaceae (8), Malvaceae (6), Rubiaceae (5) and Plantaginaceae (4) appearing as the most species-rich families. The forest fragment surveyed is probably under regeneration and there is a need for actions that promote its conservation.

Additional keywords: Agreste, Caatinga, ecotone, flora.

O município de Feira de Santana está inserido na mesorregião do Centro-Norte Baiano, em uma área de transição entre dois grandes domínios fitogeográficos brasileiros, a Mata Atlântica e a Caatinga. Os primeiros registros de sua vegetação foram feitos pelos naturalistas Johann Baptist von Spix e Carl Philipp von Martius em seu livro *Viagem pelo Brasil*. No final do ano de 1818, vindos da Vila de Cachoeira em direção a Juazeiro, esses naturalistas registraram a transição entre as florestas litorâneas sempre verdes da Mata Atlântica e a vegetação baixa e despida de folhas da Caatinga; assim, eles caracterizaram a vegetação de Feira de Santana como de florestas com poucas folhas, indicando o aspecto decíduo da vegetação (Spix & Martius 1940). No entanto, após esse registro histórico, o estudo da vegetação e da flora do município foi bastante negligenciado, mesmo contando com um importante Programa de Pós-graduação em Botânica na Universidade Estadual de Feira de Santana.

A maior parte da cobertura vegetal original de Feira de Santana está altamente degradada e poucos remanescentes ainda abrigam vegetação nativa. Os fragmentos mais relevantes do município localizam-se principalmente nos distritos de Maria Quitéria, Jaguara e Humildes. Esses remanescentes abrigam florestas estacionais e dados florísticos preliminares (dados do Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana - HUEFS) indicam tanto a presença de espécies típicas da Mata Atlântica (e.g. *Aralia bahiana* J.Wen) quanto da Caatinga (e.g. *Bauhinia cheilantha* (Bong.) Steud., *Brasiliopuntia brasiliensis* (Willd.) A.Berger e *Ceiba erianthos* (Cav.) K.Schum.), com aparente predominância da flora da Caatinga.

A região de transição entre a Mata Atlântica e a Caatinga tem sido tratada de forma distinta por diferentes autores como Caatinga Alta (Sampaio 2002), Mata Seca (Carvalho & Pinheiro-Júnior 2005) ou Agreste (Vasconcelos-Sobrinho 1949; Rizzini 1963). No entanto, a denominação predominante para essa região transicional é a do Agreste. Este tem sido considerado como uma das duas principais subdivisões ("setores") da Caatinga considerando as condições climáticas e a fisionomia predominante da vegetação. O setor do Agreste possui clima mais úmido, com estações

*Autora para correspondência: eanuncio39@gmail.com;

^a moabeffernandes@gmail.com; ^b spaulo66@gmail.com;

^c cardosobot@gmail.com; ^d luciano.paganucci@gmail.com

Editor responsável: Alessandro Rapini

Submetido: 30 dez. 2021; aceito: 19 jul. 2022

Publicação eletrônica: 5 ago. 2022; versão final: 12 ago. 2022

secas ligeiramente mais curtas, solos mais profundos e vegetação de porte florestal e mais densa, enquanto o setor do Sertão é caracterizado por clima mais seco, solos rasos e pedregosos e vegetação de porte mais baixo e predominantemente arbustivo (Vasconcelos-Sobrinho 1949; Rizzini 1963, 1979).

O Agreste é, portanto, uma região de transição entre a Caatinga e as florestas dos tabuleiros litorâneos da Mata Atlântica, ocupando uma estreita faixa entre esses dois domínios, com uma direção geral norte-sul. Para alguns autores, o Agreste distribui-se do Rio Grande do Norte ao centro-leste da Bahia (Rizzini 1979; Prado 2003), ocupando cerca de 13,4% da área total do domínio da Caatinga (Sá et al. 2004). Outros autores consideram que o Agreste se estende da Paraíba a Sergipe, excluindo assim as florestas decíduas da Bahia dos limites do Agreste (Fernandes 2006). Sua vegetação é predominantemente mesófila e ocorre em clima predominantemente semiárido, embora exista variação e alguns trechos apresentem condições pluviométricas semelhantes às da Mata Atlântica, podendo atingir até 1000 mm/ano; em outros trechos, a pluviosidade é mais baixa, semelhante ao que ocorre na Caatinga (Andrade 1986; Prado 2003).

Apesar da sua importância ecológica e biogeográfica, o conhecimento da vegetação e da flora no domínio da Caatinga e no setor do Agreste ainda são incipientes (Machado & Lopes 2003; Marangon 2011). Além disso, os poucos trabalhos publicados até então são concentrados nos estados do Ceará, Pernambuco e Paraíba, havendo uma imensa lacuna no estado da Bahia, que abriga aproximadamente 54% da área total do domínio (IBGE 2021). O mesmo ocorre no setor do Agreste, com estudos florísticos concentrados nos estados de Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Alagoas (Ferreira-Porto et al. 2008; Sales-Rodrigues et al. 2014; Cordeiro et al. 2015). Estudos florísticos no Agreste da Bahia são pontuais, realizados no sudeste do estado (Macedo 2007), no Piemonte da Chapada Diamantina (Cardoso & Queiroz 2008) e na microrregião de Feira de Santana (Cardoso et al. 2009).

A Caatinga é o domínio fitogeográfico brasileiro menos protegido, com menos de 2% de sua área incluída em unidades de conservação de proteção integral (Teixeira et al. 2021). Uma parte considerável da área da Caatinga é destinada à agricultura e à criação extensiva de bovinos e caprinos (Queiroz et al. 2017), sendo estas as principais causas de pressão sobre a vegetação nativa e responsáveis pela eliminação de parte da cobertura vegetal original e compactação do solo (Accioly & Oliveira 2004).

O conhecimento da flora do Agreste da Bahia continua incipiente e o município de Feira de Santana não possui nenhuma área de conservação integral. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo realizar o levantamento florístico de um fragmento florestal na região do Agreste de Feira de Santana e, assim, contribuir para preencher uma importante lacuna de conhecimento em uma área de acelerado processo de

degradação e que ainda não conta com unidades de conservação integrais.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo. O levantamento florístico foi realizado na fazenda Pinheira, no distrito de Jaguará, noroeste do município de Feira de Santana. O fragmento tem cerca de 96 ha e está localizado entre as latitudes 12°07'50,61"S e 12°08'02,43"S e as longitudes 39°06'58,29"W e 39°06'53,07"W, com altitudes variando de 137 a 180 m s.n.m (Figura 1A). A vegetação predominante da área é formada por árvores de pequeno porte, de 3 a 5 m de altura, tortuosas, com muitos fustes e folhas pequenas. Pode ser classificada como uma nanofloresta latifoliada estacional semidecíduifólia tropical de baixada, de acordo com a classificação de Oliveira-Filho (2009). Ao longo da calha do rio Jacuípe ocorre uma floresta ripícola (Figura 2). Ao longo do artigo esses dois tipos de vegetação são denominados caatinga e mata ciliar, respectivamente.

Não existem dados climáticos para a área de estudo, mas dados gerais para o município de Feira de Santana mostram uma variação de clima seco a subúmido com períodos prolongados de estiagem (CPRM 2005), com índices pluviométricos de até 848 mm/ano, mas inferiores a 800 mm/ano na parte oeste do município (PMFS 2018). O período chuvoso vai de março a setembro, o clima é classificado como tropical chuvoso de floresta (Am), com 1 a 3 meses secos (Bahia 1998; INMET 2021; Figura 1B). A temperatura média anual é 24,6°C, com mínimas de 18°C e máximas de 32°C (Estação Climatológica 2007). Os solos da região de Jaguará são predominantemente do tipo podzólico vermelho-amarelo (Santana 2017).

Inventário florístico. O levantamento florístico foi realizado em três expedições de outubro de 2020 a julho de 2021. Foram coletados indivíduos de diferentes espécies de todas as formas de vida em todo fragmento de floresta através de caminhadas aleatórias nos dois principais tipos de vegetação (Filgueiras et al. 1994). Para compensar o período de amostragem relativamente curto, indivíduos de todas as plantas lenhosas (árvores, arbustos e lianas) e cactos foram coletados mesmo em estágio vegetativo (isto é, mesmo sem flores ou frutos). Além disso, foi instalada uma parcela permanente de meio hectare na área de estudo, seguindo o protocolo de parcelas do DRYFLOR (Rede Latino Americana de Florística de Matas Tropicais Sazonalmente Secas; Moonlight et al. 2020). De acordo com esse protocolo, foram coletadas todas as árvores e lianas. Foi considerada árvore toda planta ereta, autônoma, com caule lenhoso e diâmetro à altura do solo (30 cm) ou do peito (1,3 m) \geq 5 cm, e liana, a trepadeira com diâmetro \geq 2,5 cm em qualquer ponto ao longo do caule até 2,5 m (Moonlight et al. 2020).

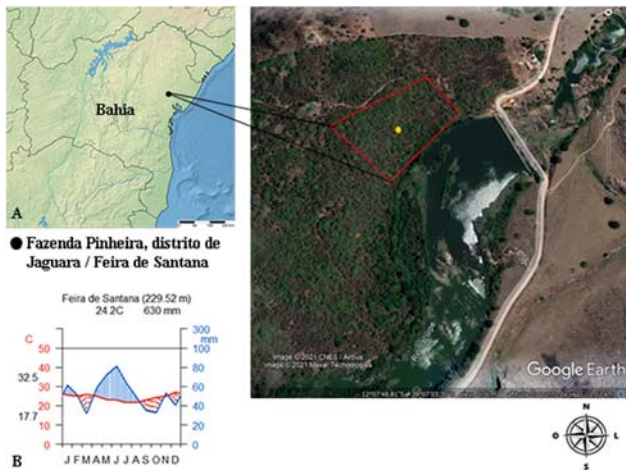


Figura 1. A- Localização da fazenda Pinheira, Distrito de Jaguará, Feira de Santana, Bahia, e visão da área de estudo (Google Earth 2021). O ponto central (em amarelo) na vista aérea corresponde à coordenada 12°07'50,61"S/39°06'58,29"W. B- Dados climáticos do município de Feira de Santana, Bahia, média entre os anos 1998 a 2018. A cor vermelha se refere à temperatura e a azul se refere à precipitação. Fonte: INMET 2021.

As amostras foram herborizadas de acordo com a metodologia usual (Mori et al. 2011) e depositadas no herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS) com duplicatas enviadas para o herbário do Centro de Pesquisa do Cacau (CEPEC). A amostragem foi complementada com espécimes previamente coletados no sítio e depositados no herbário HUEFS.

A identificação dos espécimes foi realizada com o auxílio de literatura especializada, comparação com

exsicatas no HUEFS e no herbário virtual SpeciesLink (CRIA 2021), uso de revisões, floras e consultas a especialistas. Foi utilizado o sistema do *Angiosperm Phylogeny Group IV* (APG IV 2016) para classificar as angiospermas e do *Pteridophyte Phylogeny Group* (PPG 2016) para as samambaias e licófitas. Os nomes dos táxons foram atualizados de acordo com a Flora do Brasil 2020 (2021).

RESULTADOS

Foram registradas 113 espécies na área de estudo, sendo 99 na caatinga e 35 na mata ciliar. Essas espécies estão agrupadas em 97 gêneros (86 na caatinga e 35 na mata ciliar) e 51 famílias de plantas vasculares (50 na caatinga e 18 na mata ciliar). Do total de espécies, 22 são encontradas nos dois tipos de vegetação, 78 são exclusivas da caatinga e 14 são exclusivas da mata ciliar (Apêndice). As famílias mais ricas em espécies foram Leguminosae (25 espécies), Euphorbiaceae (8), Malvaceae (6), Rubiaceae (5) e Plantaginaceae (4) (Figura 3). Juntas, essas famílias representaram 43,2% do total de espécies amostradas; 25 famílias foram representadas por apenas uma espécie cada.

O hábito com maior riqueza foi o de ervas, com 33 espécies (29,20%), seguido pelo de árvores (30 espécies; 26,54%), arbustos (28 espécies; 24,77%), lianas (8; 7,07%), trepadeiras herbáceas (7; 6,19%), subarbustos (5; 4,42%) e cactos arbórescentes (2; 1,76%) (Figura 4). Para a caatinga, a distribuição de espécies por hábito foi: arbustos e ervas (28; 24,77%

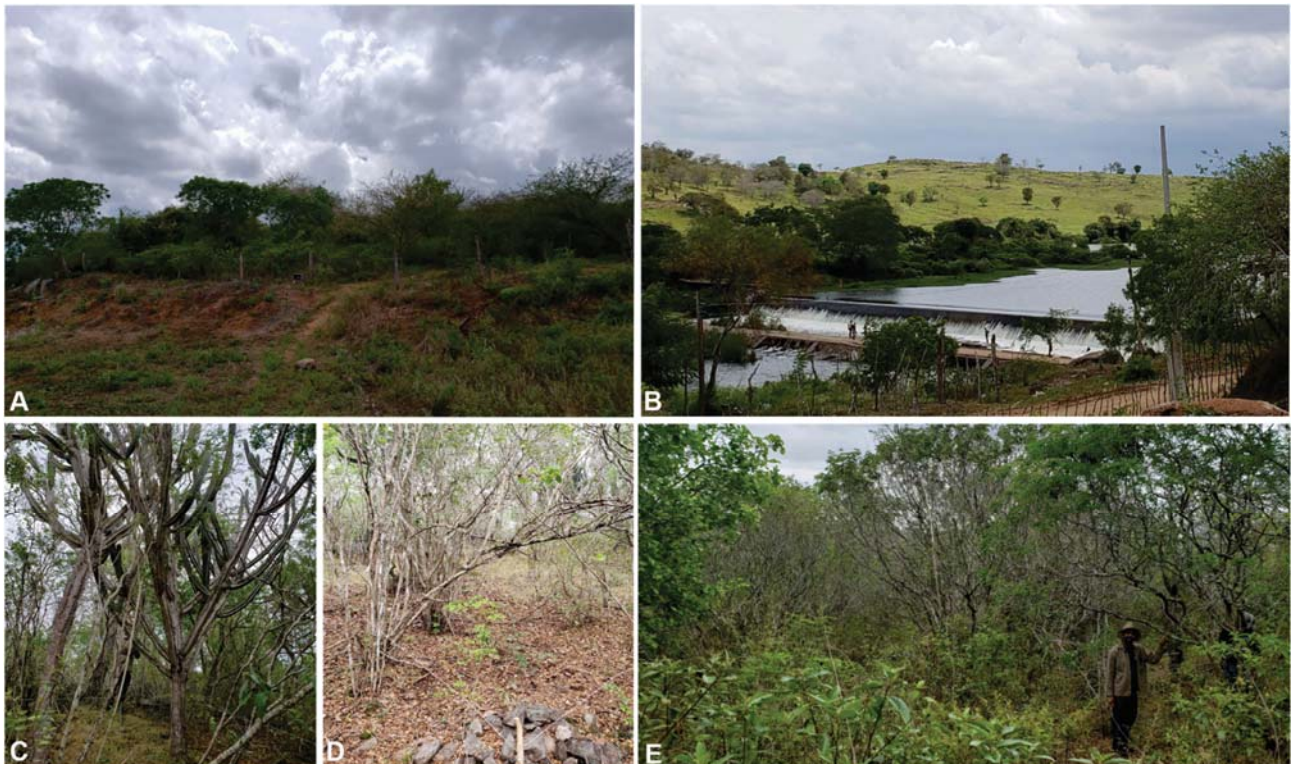


Figura 2. Área de estudo na fazenda Pinheira, Distrito de Jaguará, Feira de Santana, Bahia: A- vista externa do fragmento florestal; B- barragem no rio Jacuípe, ao lado da fazenda Pinheira; C–E- aspecto no interior da vegetação de caatinga.

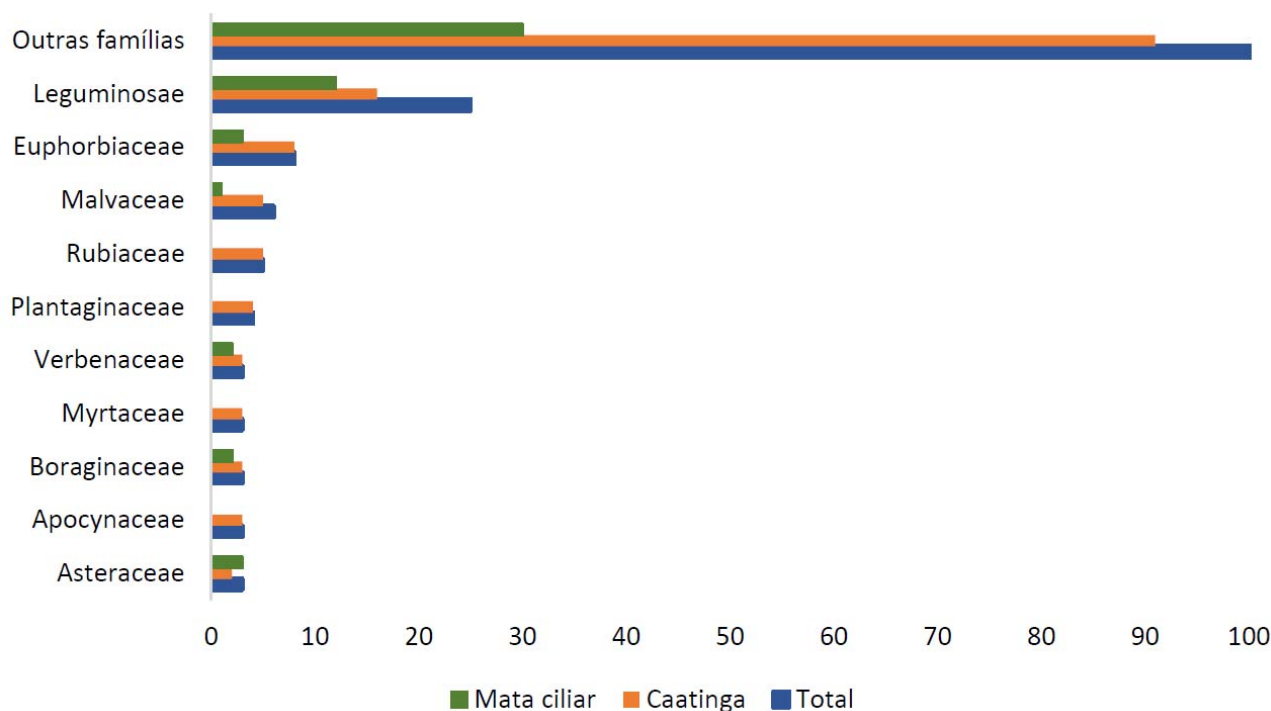


Figura 3. Famílias com maior riqueza de espécies nas vegetações caatinga e mata ciliar do fragmento de floresta da fazenda Pinheira, distrito de Jaguará, Feira de Santana, Bahia.

cada), árvores (26; 23%), lianas e trepadeiras herbáceas (7; 6,19%), cactos arbórescentes e subarbustos (2; 1,76%). Na mata ciliar, foram encontradas 13 espécies de ervas (11,50%), seis de árvores e seis de arbustos (5,30% cada), quatro de lianas e quatro de subarbustos (3,53% cada), além de duas espécies de trepadeiras herbáceas (1,76%).

DISCUSSÃO

As famílias Leguminosae e Euphorbiaceae são comumente citadas como as mais diversas no domínio da Caatinga (Pennington et al. 2000; Prado 2000; Queiroz 2006; Nascimento & Rodal 2008; Cardoso et al. 2009; Sabino et al. 2016; Fernandes & Queiroz 2018; Fernandes et al. 2020; Flora do Brasil 2020 2021). Essas mesmas famílias também foram registradas como as mais diversas em regiões do Agreste (Pereira et al. 2002; Andrade & Rodal 2004; Lopes et al. 2008; Porto et al. 2008; Silva 2009; Queiroz 2013; Cunha & Silva-Júnior 2014; Sales-Rodrigues et al. 2014; Cordeiro et al. 2015; Pinto et al. 2019), inclusive na Bahia (Macedo 2007; Cardoso & Queiroz 2008; Cardoso et al. 2009). Outras famílias, como Rubiaceae, Malvaceae, Plantaginaceae e Asteraceae, também são comumente citadas em diversas áreas do domínio da Caatinga (Alcoforado-Filho et al. 2003; Lacerda et al. 2010; Machado-Filho 2012; Cunha et al. 2013; Sales-Rodrigues 2014; Cordeiro et al. 2017).

As famílias acima são consideradas importantes para a flora de áreas de Caatinga associadas ao embasamento cristalino (Fernandes et al. 2020) e são as mais ricas em espécies no domínio da Caatinga e no setor do Agreste,

com quantidades consideráveis de espécies nos estratos arbóreo e herbáceo (Alcoforado-Filho et al. 2003; Andrade et al. 2006; Santana & Souto 2006; Lacerda et al. 2007; Macedo 2007; Cardoso & Queiroz 2008; Rodal et al. 2008; Cardoso et al. 2009; Ramalho et al. 2009; Guedes et al. 2012; Cordeiro & Félix 2013; Sales-Rodrigues 2014). Embora a família Cactaceae seja uma das mais características de ambientes áridos e semiáridos e de solos rochosos do bioma das Florestas e Arbustais Tropicais Sazonalmente Secos da região neotropical em termos de diversidade e endemismo (Barthlott & Hunt 1993; Queiroz et al. 2017; Fernandes et al. 2020; Ringelberg et al. 2020), apenas duas espécies dessa família foram registradas na área de estudo. Essa riqueza relativamente baixa de Cactaceae pode estar relacionada à fisionomia florestal, como observado em outras áreas do Agreste (Macedo 2007; Cardoso & Queiroz 2008; Ramalho et al. 2008; Cardoso et al. 2009).

As famílias Leguminosae, Euphorbiaceae, Rubiaceae e Malvaceae são as mais diversas em matas ciliares no domínio da Caatinga (Andrade et al. 2006; Gomes et al. 2006; Lacerda et al. 2007; Souza & Rodal 2010; Silva et al. 2015; Farias et al. 2017), padrão também observado no estado da Bahia (Gomes et al. 2014; Queiroz 2014; Carvalho et al. 2017) e que coincide com o encontrado na área de estudo.

A maioria dos gêneros amostrados apresenta apenas uma espécie cada, com exceção dos gêneros *Monteverdia* A.Rich., *Solanum* L., *Oxalis* L., *Mimosa* L., *Pseudobombax* Dugand, *Petalostelma* E.Fourn e *Lantana* L. (2 espécies cada), e *Senegalia* Raf., *Senna* Mill. e *Angelonia* Bonpl. (3 espécies cada). Um padrão

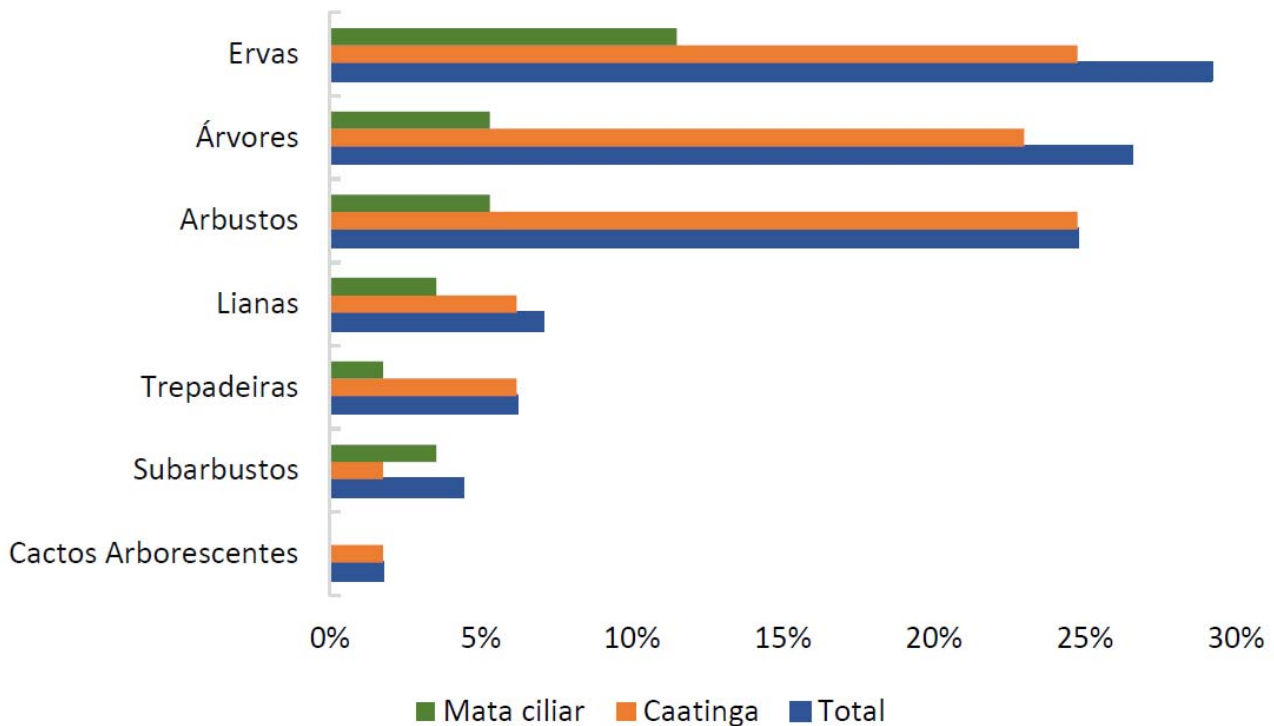


Figura 4. Percentual das espécies registradas segundo o tipo de hábito nas vegetações caatinga e mata ciliar do fragmento florestal da fazenda Pinheira, distrito de Jaguará, Feira de Santana, Bahia.

semelhante foi observado em outras regiões do Agreste (Pereira et al. 2002; Alcoforado-Filho et al. 2003; Cordeiro & Félix 2013; Leitão et al. 2014; Sales-Rodrigues et al. 2014; Cordeiro et al. 2015, 2017; Pinto et al. 2019), incluindo um levantamento realizado na microrregião de Feira de Santana (Cardoso et al. 2009).

A distribuição de hábitos na vegetação de caatinga de Jaguará mostrou uma diversidade maior no estrato arbóreo (62 espécies) do que no estrato herbáceo (37 espécies). Resultados similares foram encontrados em outras áreas do Agreste na Bahia (Macedo 2007; Cardoso & Queiroz 2008; Cardoso et al. 2009) e nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte (e.g., Alcoforado-Filho et al. 2003; Cordeiro & Félix 2013; Leitão et al. 2014; Sales-Rodrigues et al. 2014). Essa pode ser uma característica das formações florestais no domínio da Caatinga, divergindo das formações mais abertas do setor do Sertão, onde o número de espécies no estrato herbáceo é geralmente maior do que no arbóreo (Rodal et al. 2008; Ferreira et al. 2013). No entanto, esse resultado também pode ter sido influenciado pelo número reduzido de expedições de coletas e uma amostragem mais intensiva e sistemática do estrato arbóreo.

Observamos um grande contato entre a mata ciliar e a caatinga, com algumas espécies compartilhadas pelas duas vegetações, como *Croton heliotropiifolius* Kunth (Euphorbiaceae), *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (Leguminosae) e *Varronia curassavica* Jacq. (Boraginaceae). A riqueza de espécies no estrato herbáceo (19 espécies) foi ligeiramente maior que do no estrato arbóreo (16) na vegetação da mata ciliar, semelhante ao relatado em outras áreas de mata ciliar no

domínio da Caatinga (Souza & Rodal 2010; Queiroga et al. 2013; Silva et al. 2015). Das espécies que foram registradas exclusivamente na mata ciliar da área de estudo, *Albizia inundata* (Mart.) Barneby & J.W.Grimes, *Erythrina velutina* Willd. e *Lonchocarpus sericeus* (Poir.) Kunth ex DC. (Leguminosae) também são citadas como típicas de matas ciliares na Caatinga (Andrade-Lima 1989; Ferraz et al. 2006; Lacerda et al. 2007; Souza & Rodal 2010).

A vegetação original do Agreste foi quase que totalmente devastada e reduzida a pequenos fragmentos isolados (Pereira et al. 2002). Isso também é observado no município de Feira de Santana, onde os remanescentes florestais são poucos e estão restritos a alguns distritos. No fragmento de floresta de Jaguará, existem relatos de extração de madeira para o uso da população local (E.S. Anunciação, obs. pess.). A despeito disso, a presença de *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. e de *Astronium urundeuva* (M. Allemão) Engl. indicam que ela pode estar em processo de regeneração, pois essas espécies são consideradas pioneiras (Leite et al. 2015) ou de estágios mais avançados de sucessão em áreas de Caatinga (Ferraz et al. 2014).

Diante do exposto, podemos concluir que o remanescente de floresta de Jaguará apresenta composição florística e fisionomia semelhantes às da maioria das áreas do Agreste, sendo as famílias Leguminosae e Euphorbiaceae e os gêneros *Angelonia*, *Senegalia* e *Senna* os mais diversos em número de espécies, assim como em outras áreas de vegetação de caatinga. A flora da mata ciliar, a

exemplo do que ocorre em outras formações ciliares da Caatinga, compartilha várias espécies com a vegetação de caatinga adjacente. O remanescente de floresta encontra-se em processo de regeneração, mas não está incluído em qualquer tipo de unidade de conservação, havendo a necessidade da adoção de medidas que permitam a sua conservação.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, pela concessão de bolsa de Mestrado à primeira autora; à Universidade Estadual de Feira de Santana, pelo apoio e logística, e ao Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS), por armazenar o material coletado e por disponibilizar o acervo para consulta, bem como seus funcionários, pela disposição na organização da coleção. Os autores agradecem à dona Dilma e ao Sr. Everaldo, pelo apoio logístico durante as visitas de campo no fragmento de floresta do distrito de Jaguará; ao biólogo Cosme Correia dos Santos, pela ajuda durante a coleta do material botânico; e aos amigos da disciplina de Florística e Fitossociologia, pela disponibilização do material coletado durante a disciplina.

REFERÊNCIAS

- Accioly, L.J.O & Oliveira, M.A.J. 2004. Indicadores de processo de desertificação. In: A.R. Romeiro (org.), *Avaliação e Contabilização de Impactos Ambientais*. Unicamp, Campinas, p. 123–142.
- Alcoforado-Filho, F.G.; Sampaio, E.V.S.B. & Rodal, M.J.N. 2003. Florística e fitossociologia de um remanescente de vegetação caducifólia espinhosa arbórea em Caruaru, Pernambuco. *Acta Botanica Brasilica* 17(2): 287–303.
- Andrade, K.V.S.A. & Rodal, M.J.N. 2004. Fisionomia e estrutura de um remanescente de floresta estacional semidecidual de terras baixas no nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 27(3): 463–474.
- Andrade, L.A.; Oliveira, F.X.; Nascimento, I.S.; Fabricante, J.R.; Sampaio, E.V. & Barbosa, M.R. 2006. Análise florística e estrutural de matas ciliares ocorrentes em brejo de altitude no município de Areia, Paraíba. *Revista Brasileira de Ciências Agrárias* 1(1): 31–40.
- Andrade, M.C. 1986. *A Terra e o Homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 5ª ed. Atlas, São Paulo.
- Andrade-Lima, D. 1989. *Plantas da Caatinga*. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro.
- APG IV. 2016. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181: 1–20.
- Bahia 1998. SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia). *Tipologia Climática Köppen: Estado da Bahia*, Pluviometria 1943–1983, Temperatura 1961–1990. Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, Governo da Bahia. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/tipologia_climatica_segundo_koppen_2014.pdf. Acesso em: 20 Jan. 2022.
- Barthlott, W. & Hunt, D.R. 1993. Cactaceae. In: K. Kubitzki, J.G. Rohrer & V. Bittrich (eds), *The Families and Genera of Vascular Plants*, Vol. 2. Springer, Berlin, Heidelberg, p. 161–196.
- Cardoso, D.B.O.S. & Queiroz, L.P. 2008. Floristic composition of Seasonally Dry Tropical Forest fragments in central Bahia, northeastern Brazil. *Journal of the Botanical Research* 2(1): 551–573.
- Cardoso, D.B.O.S.; França, F.; Novais, J.S.; Ferreira, M.H.S.; Santos, R.M.; Carneiro, V.M.S. & Gonçalves, J.M. 2009. Composição florística e análise fitogeográfica de uma floresta semidecídua na Bahia, Brasil. *Rodriguésia* 60(4): 1055–1076.
- Carvalho, M.S.; França, F.; Melo, E. & Santos, R.J. 2017. Estudo florístico e fitossociológico de um trecho de mata ciliar do Rio Jacuípe em Feira de Santana, Bahia. In: *XXI Seminário de Iniciação Científica*, n. 21. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Estadual de Feira de Santana. <https://doi.org/10.13102/semic.v0i21.2368>
- Carvalho, V.C. & Pinheiro-Júnior, O.J. 2005. Diagnóstico do estado atual da cobertura vegetal em áreas prioritárias para conservação da caatinga. In: F.S. Araújo, M.J.N. Rodal & M.R.V. Barbosa (orgs), *Análise das variações da biodiversidade do bioma caatinga: suporte a estratégias regionais de conservação*. *Biodiversidade*, Vol. 12. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Brasília, p. 38–80.
- Cordeiro, J.M.P. & Félix, L.P. 2013. Levantamento fitossociológico em mata de encosta no Agreste paraibano. *Geoambiente* 21: 13–28.
- Cordeiro, J.M.P.; Almeida, E.M.; Araújo, J.P.; Souza, B.I. & Félix, L.P. 2015. Levantamento florístico preliminar da Caatinga sublitorânea na Paraíba, Nordeste do Brasil. *Geografia* 40(2): 241–257.
- Cordeiro, J.M.P.; Souza, B.I. & Félix, L.P. 2017. Florística e fitossociologia em floresta estacional decidual na Paraíba, nordeste do Brasil. *Gaia Scientia* 11(1): 1–16.
- CPRM (Serviço Geológico do Brasil) 2005. Diagnóstico do Município de Feira de Santana –Bahia. In: A. Vieira, F. Melo, H.B.V. Lopes, J.C.V. Campos, J.T. Guimarães, L.F.C. Bomfim, P.A.A. Couto & S.M.P. Benvenuti (orgs), *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea. CPRM / PRODEEM*, Salvador. Disponível em: https://rigeo.cprm.gov.br/bitstream/doc/16910/1/Rel_Feira_Santana.pdf. Acesso em: 30 jun. 2022.
- CRIA (Centro de Referência em Informação Ambiental) 2021. *SpeciesLink*. Disponível em: <http://www.splink.org.br>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- Cunha, M.C.L.; Silva-Júnior, M.C. & Lima, R.B. 2013. A flora lenhosa na floresta estacional semidecídua montana do Pico do Jabre, PB. *Agrária – Revista Brasileira de Ciências Agrárias* 8(1): 130–136.
- Cunha, M.C.L. & Silva-Júnior, M.C. 2014. Flora e estrutura de Floresta Estacional Semidecidual Montana nos estados da Paraíba e Pernambuco. *Nativa* 2(2): 95–102.
- Estação Climatológica. 2007. *Banco de Dados Meteorológicos 1997 - 2006. UEFS / DTEC / INMET*, Feira de Santana.

- Farias, R.C.; Lacerda, A.V.; Gomes, A.C.; Barbosa, F.M. & Dornelas, C.S.M.** 2017. Riqueza florística em uma área ciliar de Caatinga no Cariri Ocidental da Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade* 4(7): 109–118.
- Fernandes, A.** 2006. *Fitogeografia Brasileira: províncias florísticas*. 3 ed. Realce Editora e Indústria Gráfica, Fortaleza.
- Fernandes, M.F. & Queiroz, L.P.** 2018. Vegetação e flora da Caatinga. *Ciência e Cultura* 70(4): 51–56.
- Fernandes, M.F.; Cardoso, D. & Queiroz, L.P.** 2020. An updated plant checklist of the Brazilian Caatinga seasonally dry forests and woodlands reveals high species richness and endemism. *Journal of Arid Environments* 174: <https://doi.org/10.1016/j.jaridenv.2019.104079>
- Ferraz, J.S.F.; Albuquerque, U.P. & Meunier, I.M.J.** 2006. Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do Riacho do Navio, Floresta, Pernambuco. *Acta Botanica Brasilica* 20(1): 125–134.
- Ferraz, J.S.F.; Ferreira, R.L.C.; Silva, J.A.A.; Meunier, I.M.J. & Santos, M.V.F.** 2014. Estrutura do componente arbustivo-arbóreo da vegetação em duas áreas de caatinga, no município de Floresta, Pernambuco. *Revista Árvore* 38(6): 1055–1064.
- Ferreira, R.; Virtuoso, E.; Prata, A.P.N. & Mello, A.A.** 2013. Floristic list from a caatinga remnant in Poço Verde, Sergipe, Brazil. *CheckList* 9: 1354–1360.
- Ferreira-Porto, P.A.; Almeida, A.; Pessoa, W.J.; Trovão, D. & Pessoa-Felix, L.** 2008. Composição florística de um inselbergue no agreste paraibano, município de Esperança, Nordeste do Brasil. *Revista Caatinga* 21(2): 214–222.
- Filgueiras, T.S.; Nogueira, P.E.; Brochado, A.L. & Guala II, G.F.** 1994. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. *Cadernos de Geociências* 12: 39–43.
- Flora do Brasil 2020** 2021. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- Gomes, A.P.S.; Rodal, M.J.N. & Melo, A.L.** 2006. Florística e fitogeografia da vegetação arbustiva subcaducifólia da Chapada de São José, Buíque, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 20(1): 37–48.
- Gomes, F.S.; Guedes, M.L.S.; Valadão, R.M.; Prates, A.R.S. & Costa, M.A.A.** 2014. Florística e estrutura de um trecho de mata ciliar do rio Carinhanha, Feira da Mata, Bahia, Brasil. *Biotemas* 27(3): 41–55.
- Google Earth** 2021. Disponível em: <http://earth.google.com>. Acesso em: 28 dez. 2021.
- Guedes, R.S.; Zanella, F.C.V.; Costa-Júnior, J.E.V.; Santana, G.M. & Silva, J.A.** 2012. Caracterização florístico-fitosociológica do componente lenhoso de um trecho de caatinga no semiárido paraibano. *Revista Caatinga* 25: 99–108.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).** 2021. *Brasil em Síntese*. Disponível em: <https://brasilensintese.ibge.gov.br/territorio.html>. Acesso em: dez. 2021.
- INMET (Instituto Nacional de Meteorologia)** 2021. *Normais climatológicas do Brasil 1923–2020*. Disponível em: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/normaisclimatologicas>. Acesso em: 31 maio 2022.
- Lacerda, A.V.; Barbosa, F.M. & Barbosa, M.R.V.** 2007. Estudo do componente arbustivo-arbóreo de matas ciliares na bacia do rio Taperoá, semiárido paraibano: uma perspectiva para a sustentabilidade dos recursos naturais. *Oecologia Brasiliensis* 11(3): 331–340.
- Lacerda, A.V.; Barbosa, F.M.; Soares, J.J. & Barbosa, M.R.V.** 2010. Floristic composition of shrubby-arboreal component in three riparian vegetation areas in the State of Paraíba, semiarid region, Brazil. *Biota Neotropica* 10(4): 275–284.
- Leitão, A.C.; Vasconcelos, W.A.; Cavalcante, A.M.B.; Tinôco, L.B.M. & Fraga, V.S.** 2014. Florística e estrutura de um ambiente transicional Caatinga-Mata Atlântica. *Revista Caatinga* 27(3): 200–210.
- Leite, J.A.N.; Araújo, L.V.C.; Arriel, E.F.; Chaves, L.F.C. & Nóbrega, A.M.F.** 2015. Análise quantitativa da vegetação lenhosa da Caatinga em Teixeira, PB. *Pesquisa Florestal Brasileira* 35(82): 89–100.
- Lopes, C.G.R.; Ferraz, E.M.N. & Araújo, E.L.** 2008. Physiognomic-structural characterization of dry-and humid-forest fragments (Atlantic Coastal Forest) in Pernambuco State, NE Brazil. *Plant Ecology* 198(1): 1–18.
- Macedo, G.E.L.** 2007. *Composição Florística e Estrutura do Componente Arbóreo-Lianescente de um Trecho de Floresta Estacional Semidecidual no Município de Jequié, Bahia, Brasil*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- Machado, I.C. & Lopes, A.V.** 2003. Recursos florais e sistemas de polinização e sexuais em caatinga. In: I.R. Leal, M. Tabarelli & J.M.C. Silva (orgs), *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Editora Universitária, Recife, p. 515–563.
- Machado-Filho, H.O.** 2012. *Estudo Florístico de um Ambiente Rochoso da Área de Proteção Ambiental (APA) do Cariri, Paraíba: riqueza, similaridade e fitogeografia*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ecologia e Conservação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- Marangon, G.P.** 2011. *Estrutura e Padrão Espacial em Vegetação da Caatinga*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais, Universidade Estadual de Pernambuco, Recife.
- Moonlight, P.W. et al.** 2020. DRYFLOR- Manual de campo para estabelecimento e remediação de parcela. *ForestPlots.net*, ed. 1. Acesso em: 17 jul. 2021. Disponível em: <http://www.forestplots.net/pt/utilizando-o-forestplots/no-campo>.
- Mori, S.A.; Berkov, A.; Gracie, C.A. & Hecklau, E.F.** 2011. *Tropical Plant Collecting: from the field to the internet*. TECC Editora.
- Nascimento L.D. & Rodal M.J.N.** 2008. Fisionomia e estrutura de uma floresta estacional montana do maciço da Borborema, Pernambuco-Brasil. *Revista Brasileira de Botânica* 31(1): 27–39.
- Oliveira-Filho, A.T.** 2009. Classificação das fitofisionomias da América do Sul Cisandina tropical e subtropical: proposta de um novo sistema – prático e flexível – ou uma injeção a mais de caos? *Rodriguésia* 60(2): 237–258.
- Pennington, R.T.; Prado, D.E. & Pendry, C.A.** 2000. Neotropical seasonally dry forests and Quaternary vegetation changes. *Journal of Biogeography* 27: 261–273.
- Pereira, I.M.; Andrade, L.A.; Barbosa, M.R.V. & Sampaio, E.V.S.B.** 2002. Composição florística e análise fitossociológica do componente arbustivo-arbóreo de um remanescente florestal no Agreste Paraibano. *Acta Botanica Brasilica* 16(3): 357–369.

- Pinto, A.S.; Monteiro, F.K.S. & Lopes, F.S.** 2019. Estrutura e composição florística de um fragmento de floresta semidecídua na região agreste do estado da Paraíba, Nordeste brasileiro. *Gaia Scientia* 13(4): 27–41.
- PMFS** (Prefeitura Municipal de Feira de Santana) 2018. Execução de serviços de auxílio e apoio na viabilização e instituição do plano municipal de saneamento básico do município de Feira de Santana. *Produto 07 – Relatório Participativo. Tomo II - Diagnóstico Físico e Biótico*. Rev 00, Salvador.
- Porto, P.A.F.; Almeida, A.; Pessoa, W.J.; Trovão, D. & Félix, L.P.** 2008. Composição florística de um inselbergue no Agreste paraibano, município de Esperança, Nordeste do Brasil. *Revista Caatinga* 21(2): 214–222.
- PPG** (Pteridophyte Phylogeny Group) 2016. A community-derived classification for extant lycopods and ferns. *Journal of Systematics and Evolution* 54: 563–603.
- Prado, D.E.** 2000. Seasonally dry forests of tropical South America: from forgotten ecosystems to a new phytogeographic unit. *Edinburgh Journal of Botany* 57: 437–461.
- Prado, D.E.** 2003. As caatingas da América do Sul. In: I.R. Leal, M. Tabarelli & J.M.C. Silva (orgs), *Ecologia e Conservação da Caatinga*. Editora Universitária, Recife, p. 3–73.
- Queiroga, I.S.; Silva, D.O. & Lucena, M.F.A.** 2013. Florística de uma área de mata ciliar no semiárido paraibano, Nordeste do Brasil. *Biofar: Revista de Biologia e Farmácia* 9(2): 8–25.
- Queiroz, C.A.C.** 2014. *Caracterização da Vegetação Ciliar em Rios Temporários em uma Região no Semiárido da Bahia, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Recursos Genéticos Vegetais, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.
- Queiroz, L.P.** 2006. The Brazilian Caatinga: phytogeographical patterns inferred from distribution data of the Leguminosae. In: R.T. Pennington, G.P. Lewis, J.A. Ratter (eds), *Neotropical Savannas and Dry Forests: plant diversity, biogeography, and conservation*. Taylor & Francis CRC Press, Oxford, p. 113–149.
- Queiroz, L.P.; Cardoso, D.; Fernandes, M.F. & Moro, M.F.** 2017. Diversity and evolution of flowering plants of the Caatinga domain. In: J.C.M. Silva, I. Leal & M. Tabarelli (eds), *Caatinga*. Springer, Cham, p. 23–63.
- Queiroz, W.A.S.** 2013. Análise da riqueza e de similaridade florística de afloramentos rochosos em uma zona de transição no estado da Paraíba - Nordeste do Brasil. [Manuscrito]. Universidade Estadual da Paraíba.
- Ramalho, C.I.; Andrade, A.P. & Lacerda, A.V.** 2008. Levantamento florístico em uma área de Caatinga no município de Jacobina, Bahia, Brasil. *A Conferência da Terra: Fórum Internacional do Meio Ambiente*. Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, p. 663–670.
- Ramalho, C.Z.; Andrade, A.P.; Félix, L.P.; Lacerda, A.V. & Maracajá, P.B.** 2009. Flora arbóreo-arbustiva em áreas de Caatinga no semiárido baiano, Brasil. *Revista Caatinga* 22(3): 182–190.
- Ringelberg, J.J.; Zimmermann, N.E.; Weeks, A.; Lavin, M. & Hughes, C.E.** 2020. Biomes as evolutionary arenas: convergence and conservatism in the trans-continental succulent biome. *Global Ecology and Biogeography* 29(7): 1100–1113.
- Rizzini, C.T.** 1963. Nota prévia sobre a divisão fitogeográfica do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia* 25(1): 3–64.
- Rizzini, C.T.** 1979. *Tratado de Fitogeografia do Brasil*. 2 ed. Âmbito Cultural Edições, Rio de Janeiro.
- Rodal, M.J.N.; Costa, K.C.C.C. & Silva, A.C.B.L.** 2008. Estrutura da vegetação caducifólia espinhosa (Caatinga) de uma área do sertão central de Pernambuco. *Hoehnea* 35(2): 209–217.
- Sá, I.B.; Riché, G.R. & Fotius, G.A.** 2004. As paisagens e o processo de degradação do Semiárido nordestino. In: J.M.C. Silva, M. Tabarelli, M.T. Fonseca & L.V. Lins (orgs), *Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 17–36.
- Sabino, F.G.D.S.; Cunha, M.D.C.L. & Santana, G.M.** 2016. Estrutura da vegetação em dois fragmentos de caatinga antropizada na Paraíba. *Floresta e Ambiente* 23(4): 487–497.
- Sales-Rodrigues, J.; Castelo-Branco, J.B. & Miranda, J.I.M.** 2014. Flora de um inselberg na mesorregião Agreste do estado da Paraíba-Brasil. *Polibotânica* 37: 47–61.
- Sampaio, E.V.S.B.; Giulietti, A.M.; Virgílio, J. & Gamarrá-Rojas, C.F.L.** 2002. *Vegetação e Flora da Caatinga*. Associação Plantas do Nordeste, Recife.
- Santana, J.A.S. & Souto, J.S.** 2006. Diversidade e estrutura fitossociológica da Caatinga na Estação Ecológica do Seridó-RN. *Revista de Biologia e Ciências da Terra* 6(2): 232–242.
- Santana, T.S.M.** 2017. *Origem e Formação dos Solos: Feira de Santana*. Instituto Federal da Bahia, Feira de Santana.
- Silva, L.S.; Alves, A.R.; Nunes, A.K.A.; Macedo, W.S. & Martins, A.R.** 2015. Florística e fitossociologia em um remanescente de mata ciliar na bacia do Rio Gurguéia-PI. *Nativa* 3(3): 156–164.
- Silva, S.O.** 2009. *Estudo de duas áreas de vegetação de Caatinga com diferentes históricos de uso no Agreste pernambucano*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- Souza, J.A.N. & Rodal, M.J.N.** 2010. Levantamento florístico em um trecho de vegetação ripária de Caatinga no Rio Pajeú, Floresta/Pernambuco-Brasil. *Revista Caatinga* 23(4): 54–62.
- Spix, J.B. & Martius, C.P.** 1940. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*, Vol. 2 (Tradução L.F. Lahmeyer). Conselho Editorial, Edições do Senado Federal, v. 244-B. Senado Federal, Brasília, p. 283–286.
- Teixeira, L.P.; Lughadha, E.N.; Silva, M.V.C. & Moro, M.F.** 2021. How much of the Caatinga is legally protected? An analysis of temporal and geographical coverage of protected areas in the Brazilian semiarid region. *Acta Botanica Brasilica* 35(3): 473–485.
- Vasconcelos-Sobrinho, J.** 1949. *As Regiões Naturais de Pernambuco, o Meio e a Civilização*. Instituto de Pesquisas Agronômicas, Recife.
- Xavier, S.R.S.** 2007. *Pteridófitas da Caatinga: lista anotada, análise da composição florística e padrões de distribuição geográfica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

Apêndice. Lista de espécies de plantas vasculares coletadas na fazenda Pinheira, distrito de Jaguará, Feira de Santana, Bahia. *Voucher:* Anunciação, E.S.

Famílias	Espécies	Hábito	Caatinga	Mata ciliar	Voucher
ACANTHACEAE	<i>Justicia aequilabris</i> (Nees) Lindau	Ervas	X		397
ALSTROEMERIACEAE	<i>Alstroemeria longistaminea</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	Ervas	X		387
AMARANTHACEAE	<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Ervas	X		393
ANACARDIACEAE	<i>Astronium urundeuva</i> (M.Allemão) Engl.	Árvores	X		191
APOCYNACEAE	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart. & Zucc.	Árvores	X		185
	<i>Petalostelma dardanoi</i> Fontella	Trepadeiras herbáceas	X		213
	<i>Petalostelma martianum</i> (Decne.) E.Fourn.	Trepadeiras herbáceas	X		425
ARACEAE	<i>Spathicarpa gardneri</i> Schott	Ervas	X		209
ASTERACEAE	<i>Blainvillea acmella</i> (L.) Philipson	Ervas	X	X	220
	<i>Melanthera latifolia</i> (Gardner) Cabrera	Ervas	X	X	402
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Ervas		X	394
BIGNONIACEAE	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Lianas	X		180
BORAGINACEAE	<i>Cordia superba</i> Cham.	Árvores	X		197
	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Arbustos	X	X	415
	<i>Heliotropium angiospermum</i> Murray	Ervas	X	X	210
BROMELIACEAE	<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Schult. & Schult.f.	Ervas	X		256
BURSERACEAE	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett	Árvores	X		263
CACTACEAE	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cactos arborescentes	X		222
	<i>Pilosocereus catiingicola</i> (Gürke) Byles & Rowley	Cactos arborescentes	X		243
CANNABACEAE	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	Arbustos	X		05
CAPPARACEAE	<i>Colicodendron yco</i> Mart.	Arbustos	X		373
CARICACEAE	<i>Jacaratia corumbensis</i> Kuntze	Arbustos	X		201

CELASTRACEAE	<i>Monteverdia acanthophylla</i> (Reissek) Biral	Arbustos	X		260
	<i>Monteverdia quadrangulata</i> (Schrad.) Biral	Arbustos	X		186
CLEOMACEAE	<i>Dactylaena monandra</i> (DC.) Soares Neto & Roalson	Ervas	X	X	411
COMMELINACEAE	<i>Dichorisandra hexandra</i> (Aubl.) C.B.Clarke	Ervas		X	377
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea bahiensis</i> Willd. ex Roem. & Schult.	Trepadeiras herbáceas	X		384
	<i>Jacquemontia evolulooides</i> (Moric.) Meisn.	Trepadeiras herbáceas	X		392
CUCURBITACEAE	<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	Trepadeiras herbáceas	X	X	395
EBENACEAE	<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	Arbustos	X		238
EUPHORBIACEAE	<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	Arbustos	X	X	431
	<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	Arbustos	X	X	414
	<i>Dalechampia brasiliensis</i> Lam.	Lianas	X	X	376
	<i>Ditaxis desertorum</i> (Müll.Arg.) Pax & K.Hoffm.	Arbustos	X		388
	<i>Euphorbia comosa</i> Vell.	Ervas	X		421
	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Arbustos	X		182
	<i>Manihot carthagenensis</i> (Jacq.) Müll.Arg.	Arbustos	X		232
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Arbustos	X		216
LAMIACEAE	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Arbustos	X	X	412
LEGUMINOSAE	<i>Albizia inundata</i> (Mart.) Barneby & J.W.Grimes	Árvores		X	254
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Árvores	X		228
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Árvores	X	X	212
	<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis var. <i>pyramidale</i>	Árvores	X		221
	<i>Centrosema virginianum</i> (L.) Benth.	Lianas		X	407
	<i>Crotalaria retusa</i> L.	Ervas		X	406
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Árvores		X	257

	<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Subarbustos		X	152
	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz var. <i>ferrea</i>	Árvores	X		226
	<i>Lonchocarpus sericeus</i> (Poir.) Kunth ex DC.	Árvores		X	258
	<i>Mimosa arenosa</i> (Willd.) Poir. var. <i>arenosa</i>	Arbustos	X		215
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Arbustos	X	X	195
	<i>Nissolia vincentina</i> (Ker Gawl.) T.M. Moura & Fort.-Perez	Lianas	X		218
	<i>Platymiscium floribundum</i> Vogel	Árvores	X		190
	<i>Poecilanthe ulei</i> (Harms) Arroyo & Rudd	Árvores	X		205
	<i>Senegalia bahiensis</i> (Benth.) Seigler & Ebinger	Arbustos	X		204
	<i>Senegalia gigantocarpa</i> (G.P. Lewis) Seigler & Ebinger	Árvores	X		262
	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose	Arbustos	X		235
	<i>Senna aversiflora</i> (Herb.) H.S. Irwin & Barneby	Arbustos	X		248
	<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby var. <i>micans</i> (Nees) H.S. Irwin & Barneby	Arbustos	X		410
	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	Subarbustos	X	X	409
	<i>Tephrosia purpurea</i> (L.) Pers.	Subarbustos		X	151
	<i>Vachellia farnesiana</i> (L.) Wight & Arn.	Arbustos	X		249
	<i>Vigna halophila</i> (Piper) Maréchal et al.	Lianas		X	403
	<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	Árvores		X	255
LOASACEAE	<i>Aosa rupestris</i> (Gardner) Weigend	Ervas	X		430
LYTHRACEAE	<i>Cuphea racemosa</i> (L.f.) Spreng.	Ervas	X		399
MALPIGHIACEAE	<i>Stigmaphyllon auriculatum</i> (Cav.) A. Juss.	Trepadeiras herbáceas	X		247
MALVACEAE	<i>Corchorus hirtus</i> L.	Subarbustos		X	422
	<i>Herissantia tiubae</i> (K. Schum.) Brizicky	Arbustos	X		383
	<i>Melochia tomentosa</i> L.	Arbustos	X		391

	<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A.Robyns	Árvores	X		237
	<i>Pseudobombax parvifolium</i> Carv.-Sobr. & L.P.Queiroz	Árvores	X		419
	<i>Sidastrum paniculatum</i> (L.) Fryxell	Subarbustos	X		426
MARANTACEAE	<i>Goepertia effusa</i> Saka & Lombardi	Ervas		X	417
MELIACEAE	<i>Trichilia hirta</i> L.	Árvores	X		227
MICROTEACEAE	<i>Microtea celosioides</i> Moq. ex Sennikov & Sukhor.	Ervas	X		424
MORACEAE	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D.Don ex Steud.	Árvores	X	X	06
MYRTACEAE	<i>Campomanesia eugenioides</i> var. <i>desertorum</i> (DC.) Landrum	Arbustos	X		230
	<i>Eugenia</i> sp.	Árvores	X		231
	<i>Myrciaria floribunda</i> (H.West ex Willd.) O.Berg	Árvores	X		234
NYCTAGINACEAE	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Lianas	X		225
	<i>Guapira tomentosa</i> (Casar.) Lundell	Árvores	X		229
OXALIDACEAE	<i>Oxalis alstonii</i> Lourteig	Ervas	X		386
	<i>Oxalis divaricata</i> Mart. ex Zucc.	Ervas	X		245
PAPAVERACEAE	<i>Argemone mexicana</i> L.	Ervas	X	X	389
PHYTOLACCACEAE	<i>Rivina humilis</i> L.	Ervas		X	251
PIPERACEAE	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Ervas	X	X	382
PLANTAGINACEAE	<i>Angelonia arguta</i> Benth.	Ervas	X		380
PLANTAGINACEAE	<i>Angelonia pubescens</i> Benth.	Ervas	X		379
	<i>Angelonia biflora</i> Benth.	Ervas	X		211
	<i>Stemodia maritima</i> L.	Ervas	X		378
POLYGONACEAE	<i>Ruprechtia laxiflora</i> Meisn.	Árvores	X		241
PLUMBAGINACEAE	<i>Plumbago scandens</i> L.	Arbustos	X		372
POACEAE	<i>Panicum trichoides</i> Sw.	Ervas	X		401

PORTULACACEAE	<i>Portulaca umbraticola</i> Kunth	Ervas	X	X	398
RHAMNACEAE	<i>Sarcomphalus joazeiro</i> (Mart.) Hauenschild	Árvores	X		259
RUBIACEAE	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Árvores	X		223
	<i>Cordia concolor</i> (Cham.) Kuntze	Arbustos	X		187
	<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll.Arg.	Árvores	X		240
	<i>Mitracarpus hirtus</i> (L.) DC.	Ervas	X		413
	<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	Árvores	X		405
SALICACEAE	<i>Xylosma</i> sp.	Árvores	X		200
SAPINDACEAE	<i>Averrhoidium gardnerianum</i> Baill.	Árvores	X		03
	<i>Cardiospermum corindum</i> L.	Lianas	X		381
SAPOTACEAE	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Árvores	X		193
SELAGINELLACEAE	<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	Ervas	X		371
SOLANACEAE	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	Ervas	X		396
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Ervas	X	X	423
TALINACEAE	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	Ervas	X		224
VERBENACEAE	<i>Lantana camara</i> L.	Arbustos	X	X	214
VERBENACEAE	<i>Lantana canescens</i> Kunth	Arbustos	X		418
	<i>Stachytarpheta scaberrima</i> Cham.	Trepadeiras herbáceas	X	X	427
VITACEAE	<i>Clematicissus simsiana</i> (Schult. & Schult.f.) Lombardi	Lianas	X	X	219